



EGREJA DE SANTA REPARATA EM NIZA.

NIZA NA ITALIA.

Niza, sita a meia legua da foz do Var no Mediterraneo, a vinte e sete leguas ao nordeste de Toulon e trinta e cinco sudoeste de Genova, é a porta da Italia por este lado. Assentada n'um amphitheatro de rochas que bojam algum tanto para o mar, rodeiam-n'a serras altas, mas de insensível declive, que apresentam á vista o delicioso espectáculo de variadas vivendas campesinas com suas quintas, cheias de oliveiras, amoreiras, e mais arvores fructíferas de toda a casta, sobretudo lorangeiras, cidreiras e limoeiros: ha particulares que annualmente colhem mais de trezentos milheiros de laranjas e cento e cincoenta de limões.

Desde o rio Var, que forma o limite entre os estados sardos e a França, até os arredores de Niza segue a estrada por meio de campos esmaltados de flores, nos confins dos quaes pompeiam com basta ramagem corpulentos platanos, por onde braceja robusta até grande altura e pende em festões a videira, dando na sazão propria formosos cachos; a vegetação variada, que a benignidade da temperatura auxilia, fornece em todo o tempo verdura que faz realçar o aspecto geral da paisagem.

À direita estende-se a vista até o horisonte pelo mar sulcado dos bateis de pesca, e á esquerda desdobra-se longa cortina de monticulos cobertos de casas e quintas de recreio; avistam-se ao longe o pon-

VOL. V—3ª. SERIE.

tal e pharol da graciosa Villafranca, e na altura da torre de Santa Helena Niza e seus alvos frontispicios symetricamente alinhados no litoral da bahia; no ultimo plano o perfil dos Alpes maritimos desenha no ceo os seus magestosos contornos.

Guarnecem a estrada as piteiras com os elevados talos e candelabros de flor ao pé das humildes choupanas a que as parreiras dão sombra; e d'ahi a vinte passos quebra o mar espumando na praia: elegante e nobre entrada d'uma cidade!

As casas de campo d'aquelles contornos, assim como o arrabalde denominado da Cruz de Marmore, povoam-se de inglezes, francezes, e alemães; cada uma é uma colonia: aqui se acolhem, fugindo ao inverno, convalescentes, valetudinarios, rachiticos, enfermos de molestias de consumpção, de reumathismos, e de asthma, que vem de toda a parte da Europa, e até de outras regiões distantes. Niza n'essa estação é uma especie de hybernaculo, como em quasi todo o anno é um hospicio de convalescença para as saudes delicadas. O inverno reina aqui só dois mezes, e nunca é muito aspero; é verdade que durante o anno o vento norte de vez em quando sopra do viso das montanhas, e entristece o verão, mas é um incommodo passageiro.

Os romanos, que depois da gloria pré-gavam sobretudo o ceo formoso e puro, olhavam complacentes para esta terra tão cara a Vertumno, e n'ella foram prodigos de monumentos, de que ainda subsis-

SETEMBRO 13, 1856.

tem restos do amphitheatro, inscripções e outros vestígios.

Subindo ao castello destructa-se uma vista completa; a subida é toda hora de passeio, nada mais, e portanto não cansa; além d'isso a eminencia, na corôa da qual se divisam as ruinas da antiga fortaleza, é cortada de alamedas umbrosas, onde os esbaforidos podem fazer alto. A altura sobre o nivel do mar é apenas quarenta e tres braças, e comtudo goza-se um panorama magnifico. Este chão foi muitas vezes regado com sangue e recorda bastantes proezas; as ruinas, ainda soberbas, fel-as o marechal Berwick por ordens de Luiz XIV.

Em 1543 os exercitos combinados dos turcos e francezes assediaram Niza, que se viu forçada a capitular não obstante a valentia do governador Odinet. Em 1691, o marechal Latinat tambem lhe por cerco, e tomou-a por merced de uma bomba que produziu a explosão do paiol da pólvora.

O duque de Berwick assechoreou-se igualmente do castello, e para poupar aos que depois viessem o trabalho de um sitio, como lhe havia dado esta fortaleza, demollo-a e deixou-a rasa; por isso, em 1798 Niza foi conquistada sem resistencia e erecta capital dos Alpes maritimos, até que em 1814 voltou pela quarta vez ao poder do Piemonte e Sardenha, sendo hoje cabeça de uma provincia d'este reino.

Niza, contemplada do ponto culminante que mencionamos, é quasi um triangulo com a base no mar e o vertice na parte superior do curso do Paillon, do lado da praça Victor: immediatamente abaixo do castello vê-se a cidade velha com seus telhados pardentos, ruas estreitas, e campanariosinhos elegantes; é uma confusa massa onde não achareis coisa que prenda a attenção; olhando, comtudo, para o sul, lá está o Cours, cujas arvores copadas elevam-se acima das mais altas casas, e ao longo do mesmo o duplo terraço que serve de passeio no inverno e costeia a praia desde o bairro de Ponchettes até ao theatro; ahi na força de janeiro ha sol e uma temperatura de vinte graus de Réaumur. A praça Victor com suas grandiosas fachadas mostra-se na extremidade da couraça, quasi no vertice do triangulo; este grande quadrado conta sessenta annos de data, e Victor Amedeu o baptisou; o assento que occupa foi no tempo dos romanos um campo de manobra das tropas, fóro onde se convocavam os comicos, e gymnasio onde os mancebos se adestravam nos exercicios do corpo.

O Paillon, arremedo de rio, fallo de agua, mas sujeito a accessos de colera furiosa, serve de cinta á cidade velha pela banda oriental; á direita da torrente campeiam excellentes edificios: é o bairro novo ou dos estrangeiros, que não existia ha vinte e cinco annos; a mole regular da casaria despede em differentes direcções alinhamentos magestosos; a ponte nova liga o bairro novo com a cidade velha; o arrabalde da Cruz de Marmore estende-se por ambos os lados da estrada de França.

Detraz do bairro dos estrangeiros admirareis as ferteis campinas, enfeitadas de casas de regalo e tapetadas de verdura sempre viçosa. Além, é o oiteiro de Cimier, coroado com o seu convento, e orgulhoso com suas numerosas e bellas ruinas romanas; ao lado o mosteiro de St. Pons; um pouco mais atraz o castello de santo André, com uma gruta que os forasteiros não deixam de visitar; mais ao longe o Paillon, que desenrola suas alvas sinuosidades desde as serras d'onde brota até á sua equívoca desembocadura no mar: as frescas veigas, que observaes ao nordes-

te, formam com as suas lindas quintas e casas de campo, e com as ruas que a ellas vão dar, o bairro de Limpia, por onde se vae ao porto; ao norte do mesmo bairro, a celebre e admiravel estrada, conhecida pelo nome da Corniche, serpeja pelas encostas das collinas; todo o valle que acabaes de contemplar é fechado pelas montanhas, sendo a mais alta o Monte Calvo.

Voltando-vos agora para o sul, eis o Mediterraneo, que desferre as ondas sobre a praia e vem quebral-as de encontro aos eblossaes rochedos, base da eminencia pittoresca do castello. Muito graciosas são as inflexões da ribeira, e elegante o desenho da bahia; aquelle covilhete, que vedes aos vossos pés, é o porto de Niza; parece tamanho como o concavo da mão, porém garridamente emoldurado e cheio de perspectivas pittorescas; além d'isso o porto de Niza torna-se duplo com o de Villafranca, um dos sitios mais admiraveis d'este país tão rico em paisagens deliciosas. Depois d'isto só vale a pena, baixando do cerro do castello, dar uma vista de olhos ao mercado, no largo da igreja de santa Reparata, do episcopal, que não é de notavel architectura; ali vereis as camponesas de Niza, que tereis ouvido gabar de formosas, e pelos proprios olhos vos certificareis de que a fama não é exagerada.

POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA.

ANTONIO DINIZ DA SILVA E SILVA
NA ARCADIA — MEMO HISTÓRICO.
1781 — 1779.

X

Antes de passarmos ao poema — o Hyssope, — daremos uma rapida noticia da tentativa dramatica de Antonio Diniz na scena comica.

Pouco feliz, e menos familiar com o riso picante da Thalia portugueza de Gil Vicente, e da musa profunda e analytica de Molière, o autor das Odes Pindaricas, n'este certame contra a vocação, ficou inferior ao Garção, e a si mesmo ainda mais.

Composta em 1775 a comedia que intitolou o « Falso Heroismo » estira-se por tres mortaes actos entre continuos abrimentos de bocca, e eternos espreguiçamentos de insipidas trivialidades.

O verso é facil, mas descorado, chato em muitos passos, e quasi dessalado d'aquelle estimulo, que dá queimo fino e mordente ao dialogo.

Este adormece a miudo, conversado pelos Thadeos e Papas-Ferros com uma frouxidão e um cansaço, que entristecem, em vez de alegrar.

Do enredo e distribuição escusado é tratar-se.

O fundamento da peça reduz-se a empallidecer em logares communs rebalidos o bello assumpto do peão fidalgo, e o thema antiquissimo e inesgotavel das falsas vaidades e bizarras.

O Thadeo de Montalto, a victima principal offerida em sóccos á hilaridade das platéas, serias como bonzos, não passa de uma copia apoquentada dos heroes da sua genealogia comica; e logo na primeira scena tira a mascara, apresentando-se como pavão nobiliario, e guloso consummado.

A basofia do pelão solta-se em baforadas fora de proposito a respeito do gosto e aroma de um chá, e não se cala nem debaixo das pranchadas do Papa-Ferro.

A verosimilhança queixa-se a todos os instantes das

injúrias com que a offendem os interlocutores; e a naturalidade foge de scena para scena, sem achar em nenhuma lance, figura, ou dialogo, a que possa adaptar-se.

Os lacaios vestem a usada libré da farça pé-de-boi e do entremez de tablado.

O sr. Lopes e a sr.^a Carmosina antes de se chamarem assim, adivinha-se logo que já tinham visto mundo com os nomes mais populares de Pedreira e Esfuziote, de Faneca e Vesugo desde o primeiro quartel do seculo XVIII.

Os chistes dos dois bobos domesticos orçam no sal comico pela semsaboria dos rancos de *Papa-Ferro* na scena oitava do segundo acto, com o logrado e escarnecido D. Thadeo.

São gracejos da grossura de tranças, rombos como chufas saloias, plebeus e villãos como verdadeiras empulhações de estruendo.

Custa a crer que o talento culto do poeta das «Anacreonticas» e dos «Idyllos» podesse baixar a semelhante pugilato.

As risadas, que a obra excita, pendem todas dos fios seccos da durindana virgem do *Papa-Ferro*, que nos casos de apuro se não descuida de malhar no fidalgo feito á pressa com infatigavel perseverança.

Deve confessar-se que o recurso é gasto e triste, e que não abona a veia satyrica do autor!

Thadeo tem innocencias, que parecem sonhos. As contestações com o valentão depois de móvido por elle, e a sua idéa de estar banhado em sangue, não tendo padecido lesão, por velha e explorada, não merece o riso.

De mais o character de Thadeo cobre-se de taes sombras negras pelo rapto, que intenta, e pelo homicidio que ajusta, que de ridiculo se torna só odioso.

Lucio, o amante preferido, é uma desmaiada figura, que se esboçou apenas, para entrar e sair na peça, dando as deixas aos outros personagens.

Lisuarte Malafaia, o mancebo virtuoso, como o poeta tem o cuidado de declarar na indicação das pessoas da comedia, é uma especie de prégador de pulpito, que vagueia pelas casas dos amigos, empurrando-lhes sermões mofinos e conselhos requentados.

A sua homilia final a D. Thadeo, depois de descuberto o rapto, faz chegar as lagrimas aos olhos, não pela unção, mas pela insipidez.

A sr.^a Petronilha, a dama da peça, distrahe-se dos seus amorosos suspiros cantando as arias de fita verde, em que a lettra não disputá decerto a palma á inimitavel cantata de Dido, sepultada pelo Garção no meio do ducto das manas e dos alaridos dos Fustotes.

A individualidade da sr.^a Petronilha limita-se a levar a tempo o lenço ás suas preciosas pestanas, e a depositar no discreto seio da garrula confidente o precioso segredo dos seus affectos.

E toda esta machina, montada em rodas perras, não tem pôr fim senão fazer-nos ver o fidalgo improvisado impando de basofia, ardendo em zelos, e pagando com escassa bolsa as pranchadas, de que o serve o seu digno complice *Papa Ferro*, industriado pelo mais velhaco dos lacaios!

Deus é misericordioso, e a esta hora hade ter perdoado ao Diniz o falso heroismo d'esta profanação dramatica!

Para o absolver, porém, no juizo severo da critica, é necessario retermos algumas das suas odes primorosas, e recrearmos o animo por muitos dos espirituosos versos do «*Hyssope*».

Não se lhe perdoa senão admirando-o!

No genero tragico os ensaios de Elpino foram modestos, e menos aventureiros.

Deu-se apenas a verter do original francez a «*Iphigenia em Tauride*» de mr. de La Touche, edição da Haia no anno de 1780.

Sem louvarmos excessivamente a escolha, a traducção parece correcta em geral, e elegante em partes. Não a podemos comparar com o original, mas se ha infidelidades não as supponmos de grande vulto.

Na scena quinta do terceiro acto entre Orestes e Pilades notam-se bons versos, dialogo bem traçado, e cortado a tempo, e riqueza de estylo.

Esta mostra, que saiu da pasta do autor, depois da sua morte, ainda sem a ultima lima, faz-nos sentir, que as formosuras da musa de Racine, e a nobre inspiração da Melpomene romana de Corneille o não tentassem para naturalisar portuguezas *Phedra* e *Athalia*, *Cinna* e os *Horacios*.

Entretanto (inutil reputamos accrescental-o) a indole do Diniz não o chamava pelo caminho dramatico. Semelhante ao Quiza, vê-se que tanto as alturas, como os precipicios da scena o confundem, ou o deslumbra. Prende-o o receio de se arriscar, e despenha-o o desejo de tirar um riso forçado, não da opposição dos caracteres, e da sua conformidade com as situações, mas da matizada dos guisos de Pasquino, da violencia abrupta dos lances, e das lograções inverosimeis dos personagens.

A *Arcadia* pouco sobresaiu no theatro, e apesar das suas doudas censuras, e do seu desdem suberbo pela comedia nacional e plebea, de que o infeliz Antonio José nos conservou o typo, nenhum dos pastores do Menalo era capaz de competir com o autor dos «*Encantos de Medea*» na graça e naturalidade da pintura dramatica.

Os auditorios que deram palmas ao Judeu, não resistiriam ao somno, depois de representadas cinco scenas dos modelos.

O *Hyssope* escripto em Elvas, em quanto desempenhava na cidade militar um logar de magistratura, é inquestionavelmente no seu genero o primeiro poema comico da nossa litteratura.

A *Benteida* de Alexandre Antonio de Lima, publicada em 1758 seria o segundo se a forma fosse mais castigada, e o estylo descesse menos.

Alexandre de Lima tinha chiste natural, e metrificava com facilidade; mas a sua veia descae em chula muito a miudo, e a mania dos equivocos e trocadilhos preponderante no gosto da epoca, mancha em varios logares os trechos mais acabados.

Das innumeraveis composições, com que gemeram os prelos, ou que se guardam ainda manuscriptas nos armarios das bibliothecas desde a epoca de D. João V, se exceptuarmos a «*Santarencida*» (estampada) e o «*Apollo e Daphnis*», ainda por ver a luz, parece-nos, que não se fará injuria grande aos autores, classificando a quasi todas como sempre inferiores ás obras estrangeiras, por destituidas de merecimento, de plano, e ás vezes até de sal.

Para maior agravo das suas victimas, Elpino seguindo os passos de Boileau, e descrevendo na tela o fofo Lara, o gordo bispo, e tantos outros, tirou-lhes os retratos tão parecidos que foi cheio de razão que o prelado, ardendo em ira, buscou vingar-se.

Considerado só como poesia o *Hyssope*, não eguala de certo a famosa, «*Estante do Côro*» que lhe serviu de modelo; a versificação, o esmerô, e as bellezas são muito superiores em Boileau; mas como livre imitação, e como desenho de physionomias e de cos-

tumes o poema portuguez offerece rasgos e atrevimentos, que abonam sem parcialidade os louvores, que a publicação lhe tem constantemente grangeado. É já distincta honra justificar o elogio depois do «Lutrin».

Os inglezes, por excessivo amor proprio nacional, teem querido inculcar, que a «Madeixa Roubada» (The Rape of de Lock) de Pope, se não excede o poema francez, não se deslustra ao lado d'elle, antes o eguala. Julgamos a sentença injusta, além de suspeita.

Os criticos britannicos podem encarecer a elegancia do verso, a cultura da phrase, e as delicadezas de estylo do seu poeta classico; n'esta provincia, que é sua, fóra temeridade disputar com elles, que são de casa, e conhecem os segredos; porém desde que o exame sobe mais alto, desde que se estabelece a comparação de um com outro livro, as differenças saltam aos olhos, e não permitem aos admiradores de Pope nem a sombra de um subterfugio.

Na invenção, na fabula, nos episodios, e nos personagens, o autor da «Arte Poetica» atravessa com tanta facilidade os obstaculos, que lhe suscita até a insignificancia do assumpto; entretém a curiosidade e o sorriso do leitor com tal mestria, e sabe variar tanto a tempo os seus paineis, que não só a «Madeixa Roubada» lhe fica muito longe, mas a propria «Secchia Rapita» do Tassoni o não offusca.

Em Boileau as galas da dicção unem-se á finura e viveza das côres, e ao estímulo picante de uma ironia jovial, mas sempre urbana, e digna das musas.

Guardando, com o tacto proprio do seu gosto correcto, a proporção requerida entre o comico e o serio, que é o escolho do genero, e que faz a sua perfeição, quando se vence, o poeta alcança todos os effeitos do contraste sem esforço apparente.

Basta percorrer a «Madeixa Roubada» para se verificar a sua inferioridade em todos estes pontos.

Nos cinco cantos de Pope a acção é quasi nulla, a falta de interesse visivel, e a monotonia constante.

Um cavalheiro propõe-se a cortar a madeixa de Belinda, e executa o seu enredo!

Quem foi o cavalheiro? Quem era Belinda? Que relações existiam? Não se diz!

Antes, e depois da fatal tesoura morder nas tranças da presumida beldade tudo são trevas.

Descrições descoradas, frias allegorias, e o maravilhoso infantil da cabala, uma plebe de gnomos e de genios do ar, enchem toda a scena.

Um Silpho apparece em sonhos a Belinda, e sobresalta-a, annunciando-lhe o desastre imminente; outros, da mesma familia, esvoaçam em roda d'ella para a proteger. O lance mais curioso, em que figuram os comparsas alados, reduz-se a ficar entre os gumes da tesoura o mais zeloso, e a ser cortado em duas partes como um limão.

A disputa de Belinda com a sua amiga Talestris tem pouco de espirituosa, e o pugilato das damas com os homens, em que a furiosa Talestris investindo:

While through the press enrag'd Talestris flies,
And scatters death around from both her eyes,
A Beau and Witling perish'd in the thong,
One dy'd in metaphor, and one in song.

derrota os esquadrões contrarios, e dá a morte só com o lume dos bellos olhos, no qual o peralvilho expira, guindando uma metaphora, e o espirituoso succumbe, entoando uma arieta, recommendam-se pouco pela delicadeza e esmero.

N'este combate amphibologico a heroína estonteia o cavalheiro, autor do roubo, suffocando-o com uma nuvem de rapé, e depois de prostrado exige-lhe os seus preciosos cabellos. Ninguem sabe d'elles, e sómente o poeta, por condescendencia, nos informa de que os vira subir arrebatados ás esferas da lua!

Um dos melhores episodios— a partida de jogo da «arrenegada»— desfallece por longo, e chega a enfadar-nos com a eterna luta das copas contra os oiros, e das espadas contra os paus.

A mais acabada pintura, e assim mesmo não compete com o admiravel quadro da Preguiça no «Lutrin», é a descida de Umbriel á caverna da Melancolia.

Voltaire e Marmontel verteram-o, elogiando-o; mas o autor do seculo de Luiz XIV, com a sua verificação pura e elegante, não conseguiu, segundo cremos, senão fundar em base mais solida ainda a reputação do poema francez, provando, que mesmo emprestando a Pope, para o naturalisar, as graças do seu talento mimoso, a palma devia entregar-se de preferencia ao cantor, que primeiro vulgarisou na sua patria as formosuras do metro horaciano, imitando a epistola aos Pisões, como sabem imitar só os engenhos inventivos.

Sem vaidade, e comparando a «Madeixa Roubada» com o «Hyssope», ousaremos asseverar, que a confrontação nos parece tão vantajosa para Antonio Diniz, quanto o seria para o autor do «Lutrin» o paralelo entre o seu poema invejado e a livre imitação do poeta portuguez.

E não supponham, que escrevendo de proposito «livre imitação» quizemos subentender a idéa de copia; as paginas do livro protestam contra ella!

Para os eruditos, o «Hyssope», apreciado á sua verdadeira luz, não autorisa nem justifica tão aspera censura; leia-se, e não se encontrará na contextura, ou nos incidentes, remota sombra do transumpto servil, que levianamente apregoam alguns mordazes.

Ha de certo paridade notavel entre as duas obras, como nascidas ambas de ridiculas contendidas ecclesiasticas, e não occultaremos tambem, que não se publicando o «Lutrin» não existiria o «Hyssope»; mas d'ahi em diante separam-se; e se o livro portuguez algumas vezes se encontra com o modelo nos incidentes; se n'este ou n'aquelle verso recorda outros analogos do satyrico parisiense; e mesmo se o pincel nos retratos geraes se lembra dos toques do mestre, não ha duvida que no plano, no desinvolvimento, e no remate differem essencialmente, e que, cedendo quasi sempre ao «Lutrin», no episodio comico do oitavo e derradeiro canto, o «Hyssope» todavia lhe leva decidida vantagem.

Boileau, para celebrar o presidente Lamoignon, sacrificou o sexto canto, desbotando no meio de allegorias frigiditas a alegria pulida da sua musa espirituosa.

Esta primasia da ascendencia e do exemplo nos dominios da arte é Elpino o primeiro a confessal-a, inclinando-se, quando se dirige á musa e exclama:

..... Tu, que nas margens aprasiveis
Que o Sena bordam de arvores viçosas
Do famoso Boileau a fertil mente
Inflammaste benigna, Tu me inflamma;
Tu me lembra o motivo; Tu as causas
Porque a tanto furor, a tanta raiva
Chegaram o Prelado, e o seu Cabido.

O argumento, embora as contestações da vaidade ecclesiastica inspirem ambos os poemas, attesta a independencia com que Antonio Diniz, sem perder de vista os passos do satyrico francez, soube enriquecer-se, usando de galas proprias.

Uma disputa entre o Chantre e o Thesoureiro de certa egreja de Paris, ministrou a Boileau a tela para bordar toda a ficção.

O accordão do Cabido de Elvas contra a soberba do Deão, que negava ao Bispo a posse de receber o hyssope de suas mãos, suscitou a Elpino o pensamento de vestir de accessorios engraçados esta pendencia comica.

Dirão, porém, que Boileau, mais rapido e conciso, cinzela em dois traços o que o arcade não aviva em largo esboço? Sem duvida!

Mas segue-se, por isso, que deva desprezar-se o nosso poema, porque o alheio, vencendo-o em desenho e correção, está primeiro?

No «Hyssope» a invenção afrouxa em repetidas sincopes; as reminiscencias entram no tecido original extemporaneas, e pouco digeridas; e o estylo, mais lento e menos brilhante, enevoa-se em partes, accusando precipitações.

Não o escondemos; são erros palpaveis, e a critica não os deve relevar.

Logo no canto I a superioridade de Boileau torna-se incontestavel, e o seu imitador só de longe o segue.

O congresso das Chimeras, presidido pelo genio tutelar das Bagatellas, com a luta oratoria da Excellencia e da Senhoria, personificadas, tomam dois terços dos versos, desmentindo a brevidade elegante do poeta da corte de Luiz XIV, quando nos figura aquella vôo altivo da Discordia:

..... Encor toute noire de crimes
Sortant des Cordeliers pour aller aux Minimes
Avec cet air hideux, que fait frémir la Paix.

E no canto II, quando Elpino se lembra da imagem de Boileau para a imitar, não alcança a energia do modelo, quando diz:

Rapidamente vôa: incendios, mortes
Sacrilegios, traições, roubos, ruinas
Vae deixando a cruel por onde passa.
Chega dos Elvios á colonia antiga:
E vendo de passagem os Dominicos
Entre o Prior, e os frades mil disputas
Sobre o chá, sobre o jogo, e sobre os doces
.....
Tyranamente excita.

como é pallida e derramada a inversão de um passo, caracterizado com tão poucos, mas tão escolhidos toques!

A descripção do antro da Discordia, comparada com a admiravel pintura da Preguiça no «Lutrin», offerece igual desengano.

Elpino mette a Senhoria, attribulada, depois de um discurso perluxo, pela furna da deusa implacavel, e querendo apurar a allegoria erra as tintas, exagerando-se:

Aqui lutando sempre em viva guerra
Rugem mil furacões de oppostos ventos;
Aqui se ouvem silvar horrendamente
Gorgones e Cerastas. A Discordia
Aqui morada tem, aqui seu throno.

.....
No mais profundo da sombria estancia
Assiste a cruel deusa, cujo rosto
Apenas se divisa, á luz confusa
Que espalham respirando de continuo
Por olhos e gargantas, mil serpentes.

Agora diante d'esta falsa e tumida declamação descriptiva, colloquemos o quadro da Preguiça no poema francez:

La Discorde en sourit, et, les suivant des yeux
De joie, en les voyant, pousse un cri dans les cieux.
L'air, qui gémit du cri de l'horrible Déesse,
Va jusque dans Citeaux réveiller la Molesse.
C'est là qu'en un dortoir elle fait son séjour:
Les Plaisirs nonchalans folâtrant à l'entour.
L'un pétrit dans un coin l'embonpoint des chanoines,
L'autre braie en rian le vermillon des moines.
La Volupté la sert avec des yeux dévots
Et toujours le Soneil lui verse des pavots.

Como o episodio fecha, quando a Preguiça respondendo á Noite, e exclamando:

Ah! Nuit, si tant de fois, dans les bras de l'amour
Je t'admis aux plaisirs que je cachais au jour,
Du moins ne permet, pas... La Molesse oppressée
Dans sa bouche à ce mot sent sa langue glacée:
Et, lasse de parler, succombant sous l'effort,
Soupire, étend les bras, ferme l'oeil et s'endort.

Debalde se desejaria nas paginas do «Hyssope» um trecho tão primoroso. Mas em compensação, os caracteres, retratados do vivo tem individualidade, e não se confundem.

A sofa basofia do Lara, que a Senhoria arrasta por mil estultas empresas até o collocar horrorizado e convulso defronte do tostado gallo, que lhe vaticina a perda do pleito — a soberba arrogante do gordo Bispo, assanhada contra a ousadia do Deão, e entre as delicias da gula, armando com o Cabido a rautoeira do ridiculo accordão; os confidentes, os parasitas, e até o vulto agarratorio do bom Gonçalves, são tudo figuras, que respiram, e que hão de durar, em quanto a lingua se fallar e escrever.

Sabemos, que o episodio da citação, e as queixosas supplicas da esposa do aguasil, tentando deter o animoso official, decidido a arrostar as iras episcopaes, dão grandes visos de parecença com as lamurias da gentil cabelleireira do «Lutrin», quando chorosa e consternada, procura prender nos braços o mavioso barbeiro, seu «Amor» pelo nome, e no affecto; mas n'esta parte a justiça, pede que declaremos a imitação, egual pelo menos ao episodio do II canto do poema francez.

Os prodigios, que a industriosa Excellencia multiplica para estorvar o infausto passeio do Prelado, preparam bem a scena, e tem verdadeiro sal.

Aquelle copo de Madeira, tornado em vinagre na bocca do vingativo Pastor; o gato negro saltando no aparador, e quebrando cristaes e porcellanas; o sonho, em que o velho burro da nora lhe pespega dois coices no vasio; a pedra da sivella voando ao doirado tecto; e depois o bezouro açoitando-lhe a cara com as azas, são incidentes comicos, bem delineados, e rapidamente expostos.

No dialogo do aguasil com a consorte longeva,

Nas sordidas trapaças tão versada
Como o habil marido.....

talvez nos illudamos, mas descobrimos n'elle grande verdade, realçada pelo tom familiar e natural, que dobra o valor á ironia do poeta.

Se fossem menos extensos os discursos, sem receio diríamos, que Elpino, lembrando-se de Boileau, soube imital-o sem o rebaixar.

O canto VII, a nosso ver o melhor de toda a obra, desenha a rasgos largos as physionomias conhecidas dos retabulos mais apodados na cidade de Elvas.

O Deão, para celebrar o feliz começo da sua demanda, determina offerecer aos amigos convocados um bizarro concerto, preludio harmonioso de opulenta ceia, terminando tudo pelos *cavallinhos fuscos*, dispostos na yaga sala com galante idéa.

Escurece a noite, e os convidados principiam a chegar. O Lara triumphante esfrega as mãos.

Que immenso holocausto de perrexis e papas-finas nas aras do ridiculo!

Que bem graduada galeria de brutescos, cada um apanhado na feição mais característica!

O Sequeira, «sagaz na censura e na trapaça como o pae» entra, e:

D'uma sebenta, desbötada fita
A bengala da dextra traz pendente,
Com que as moscas enxota do Castello.

O Velloso, vem atraz, e:

..... ao beque dando
Entra o vaidoso, mulheril Perinha,
Ramo insigne dos *Gatos Rodovalhos*
E chefe dos Pelões da sua terra.

Ainda não basta. As victimas são mais. Logo depois o poeta apresenta no pelourinho, aonde os expõe, outros infelizes, condemnados á mesma pena.

Não passou muito espaço, sem que á porta
Se não vissem chegar ambos os *Bixos*,
Alegria e prazer da Elvense terra;
O *Leite* e o *Barquinhos*, tão famosos,
Aquelle, pela teima com que intenta
Mungir d'um grande bode as grandes tetas;
Este, pela piedade, com que vendo
Jazer em terra morto o bravo toiro,
Que os calções de camurça lhe rasgara

.....
Perdoa em altas vozes, generoso
O estrago do vestido, e a grave affronta.

Seria infinito enumerar todos os zotes, que por desgraça de sua memoria comparecem n'esta revista de Asmodeo.

O marquez de Pombal nunca se mostrou tão affeioado ao Diniz, como no dia, em que, tirando-o de Elvas, o salvou da gratidão de tantos martyres, criados das suas frechas.

Se esta plebe de caricaturas colhesse o algoz e a occasião pelos cabellos, é provavel, que a correção não doesse menos a Elpino, do que pesou por delicto muito menor a Voltaire a insolente desforra de um fidalgo.

Vamos, porém, com a escolhida companhia para a sala do concerto.

Ahi treveja o Vidigal soltando a bruta voz, com que levanta os «Mementos» nos enterros. Ahi, o cantor taurino exalta o estupendo acerto dos sabios veadores da heroica Elvas, na rara e não vista economia de mandarem deitar quatro gatos de ferro no velho e rachado sino do senado.

Eis a descripção do tonsurado Orpheu, nos extasis do seu repente lyrico:

Com tal arte feria o cantor dextro
Do pequeno instrumento as tesas cordas
Acompanhando o som, com que cantava
Este estupendo, gracioso caso,
Que, ao bater das pancadas, parecia
Que se ouviam no sino as martelladas.

No meio das saudes e jubilos da mesa festiva, quando mil pilherias e chistes gyram com os copos, beliscando os mais famintos a melindrosa pelle do gordo Bispo, em lisonja do Amphitrião, eis que de repente, (espectaculo horrendo!) o gallo velho, que jazia em um prato,

Entre frangãos e pombos, lardeado
Em pé se levantou, e as nuas azas
Tres vezes sacudindo, estas palavras
Em voz articulou triste, mas clara:

Na sua agoirenta prophecia, a depennada victima annuncia ao Deão, que hade ceder porfim ao seu contrario; e deixando cobertos de suor gelado aos circumstantes, torna a cair no molho, e a ficar inerte.

O terror do prodigio erriça os cabellos na fronte aos mais gulosos. Immoveis todos, e calados, o medo petrifica-os por grande espaço; depois, recobrando os espiritos:

Se levantam tremendo, e pela terra
A recheada mesa baquearam;
Tres vezes se benzeram c'o a mão toda;
Tres vezes, mas em vão, esconjuraram
O fatal gallo, que jazia morto;
E mil, a infausta ceia dando ao Demo
Se foram sacudindo os calcanhares.

Fôra longo insistir em todas as bellezas, que o poema encerra.

Os defeitos tambem já os advertimos em geral.

O canto VIII, mais travado com o assumpto, e melhor urdido, que o sexto do «Lutrin», prova que Elpino, quando queria, era capaz de tirar grandes auxilios dos poderes da propria invenção.

Os incidentes comicos enredam-se para trazerem o desfecho com facilidade; os personagens não se desmentem; e o episodio da viagem aerea com a Ama, e da visita á caverna do sabio Abracadabro, remata com jovialidade a acção, que em Boileau esmorece muito, entre as allegorias moraes da Justiça e da Piedade.

Pomos de parte a sentença do «Genio das Bagatellas» e as magoas da pallida e confusa Senhoriz. O que dá relevo á obra, e a continua com viveza e graça é o discurso da «velha zoupeira» ao afflicto Deão, encarecendo-lhe os pesares, que lhe carregam de angustias uma cara d'antes alegre, reverenda, e affavel; o que desde logo reanima a fabula, e a estimula, é a proposta de irem ambos consultar por alta noite os oraculos do famoso magico; e depois de espojados em sordidas pennas, e de untados com o sangue de um morcego, o vôo livre, que rasgam nos ares, assustando de passagem o Prior da Alcaçova, homem vexado de visões e caballas, o qual, vendo-os, por desgraça, enrola o capote, arranca a durindana, e investe destemido com os duendes, até cair, tropeçando em um podengo.

O terror do Lara, em cuja pellada fronte os raros

cabellos se espetavam; a seriedade pantagruelica do feiticeiro; as adulações da Amia; e finalmente o cão negro, surgindo para revelar futuros aos ouvidos de Abracadabro, todo isto desenhado com rapidez e tacto, (à parte algumas sombras, e algum desmancho) completa o livro e corda dignamente o desenlace.

No canto vi ha longuras e sobejidões, que mais severo consigo o autor devera encurtar: mas, como já observámos, a descripção do passeio do Bispo depois dos agoiros, os conselhos do grande Almeida, e a scena das choradas supplicas da esposa do bom Gonçalves, desculpam as nodoas e abonam o engenho do poeta.

A ira do Prelado, quando soletando a custo a citação, chega a perceber o sentido do insolente papel, vem retratada com mão de mestre, e na elegancia e no vigor disputa a palma aos modelos.

No v canto, e na ultima parte do vi, a concisão daria grande realce ás engraçadas scenas da conferencia do Lara com o gritador Fernandes, e da sua visita ao convento dos capuchos.

Demora-se muito, porém, o dialogo entre o Doutor e o Deão—e a ignorancia fofa e vangloriosa d'este perde por exagerada.

No jardim dos frades o mesmo erro prejudica o effeito da conversação, que por acaso se enteda entre o douto Padre Mestre, e o seu hospede garrulo, e estulto.

Mais brevidade, e mais verosimilhança, tornariam aquellas paginas dignas de absoluto louvor. Os equivocos do Lara, e as suas declamações repetem-se, e attenuam-se á força de martelladas!

Boileau em menos de metade, porém esculpindo a satyra em cada imagem, e acerando o verso e a phrase, alcançaria dobrado exito.

Chegámos ao termo d'este estudo; e receamos que não fosse sem fadiga dos leitores.

A Arcadia exerceu nas lettras inquestionavel ascendente; embora não descesse das salas, e não soubesse fazer-se popular e nacional, não deve negar-se que a sua influencia durou ainda além da curta carreira da erudita corporação.

Desenhando imperfeitamente, sim, porque não tínhamos forças para mais, mas com a possível fidelidade os tres vultos, que a dominaram, e cujos exemplos a segunda Arcadia—a epoca de Bocage, de José Agostinho, e de Curvo Semedo,—se honrava de seguir e de elogiar, procurámos dar uma idea clara da physionomia, da indole, e dos principios litterarios dos homens mais notaveis d'aquelle seculo em Portugal.

Se este ensaio for acolhido com alguma benevolencia, não pelo que pode valer, mas pelo assumpto, tentaremos o esboço da segunda parte, e começando por José Basilio da Gama, o autor do «Uruguay», completaremos por todos os aspectos o retrato de um periodo importante da nossa historia intellectual, que está ainda por tratar, aguardando uma penna que se atreva com as suas difficuldades.

A nossa, mesmo fraca e obscura como é, sendo animada, abalançar-se-ha á empresa, contando com a utilidade d'ella, se os seus esforços a não desmerecerem, o o seu zelo obtiver a unica recompensa, que tem a esperar—o favor devido aos bons desejos.

L. A. REBELLO DA SILVA.

Em tempos revoltos apparecem cavalheiros industriosos.

A MEMORIA DE D. ANNA DA CONCEIÇÃO DE MELLO FRAGA, E DE SEUS FILHOS ANGELA E ALFREDO, FALLECIDA A 1 DE SETEMBRO DE 1855.

En ce Dieu de pitie j'ai mis ma confiance
Trop sur de ses bontés, je vis en assurance
Qu'un Dieu, qui par son choix au jour t'a destinée,
A des feux éternels ne t'a point condamnée.

CHALLIEL.

Gentil, amada prenda, tu não sentes
Os tristes ais, que em tua perda exhala
Teu desolado esposo,
As copiosas lagrimas ardentes,
O desespero, a dôr, que o peito estala
Com golpe tão custoso.

Não sentes, não, que a sanguinaria morte,
Hedionda, cruel, e sem piedade,
Te arrebatou a vida:
A mim, triste infeliz, me coube a sorte
Abrir-me o coração, de atroz saudade,
Incuravel ferida.

Tão cedo te perdi, quando esperava
Fizesses aventura dos meus dias
Doce unção gosando;
Um destino fatal tudo mudava,
De esp'ranças mallogradas alegrias
Em luto transformando.

Tão joven, tão gentil, e tão prendada,
Com cinco lustros, não completos inda,
Te encerra a sepultura!
Nem rogos me attendeu, nem preces, nada.
Numen severo assaz, que o ser te finda
P'ra minha desventura.

Como a mimosa flor, que foi cortada
Por mão de descuidoso jardineiro
Antes do tempo dado,
Quando havia de brilhar, jaz desfolhada
Sem graça, formosura, cor, nem cheiro,
Sem viço, sem agrado:

Assim, amado bem, na primavera
Da linda mocidade arrebatava
A tua vida a morte;
Alçando o ferro a vil, sanguinea fera,
Sem dô, sem compaixão descarregava
Fatal e duro corte.

Não me bastava a dôr de haver perdido
Meus amados filhinhos, caras prendas
Do nosso amor sagrado?
Tinha o meu coração pouco soffrido?
Assaz não tinha já magoas horrendas
Para ser desgraçado?

Perdi Angelasinha, alminha pura,
Que um anjo era no nome e na pureza,
Perdi o meu Alfredo,
De graças infantis, meiga ternura,
De mansidão dotado e de belleza,
De gesto lindo e ledo.

Destruída então vi a doce esp'rança,
Desteitas illusões do pensamento,
A futura alegria,

Que d'antemão gosei. mais a bonança
Do espirito mudadas n'um tormento
De penosa agonia.

A fera morte todos foi levando,
E deixou-me a afflicção, angustia, pena,
Que em torno a si semeia;
Mas, suprema vontade respeitando
De um Deus, que assim o quer, assim o ordena,
Dever a dôr sopeia.

Resignei-me adorando a mão severa,
Que tão forte castigo me infligia,
E me humilhei prostrado:
A pena o coração me dilacera,
Da saudade, e mortifera agonia,
Jámais abandonado.

Um só bem n'este mundo me restava,
Esse mesmo perdi tão prematuro;
Era a fiel consorte:
Morreste, unico bem, que eu só contava!
Como resistirei ao transe duro,
Sem ter quem me conforte?

Como heide resistir a paixão tanta?
Como posso esquecer tua lembrança?
Da mente não me passa:
Perpetua dôr a força me quebranta,
Co'a vida amargurada, e sem esp'rança,
P'ra minha mór desgraça.

Como posso esquecer tanta virtude,
De que o ceo te dotou, e tanto dote
De corpo, e de alma ornada,
Sem defeito, sem mancha, ou vicio rude,
Que em tua curta vida se te note?
Tão curta e mallograda!

Continua.

A. M. TIBURCIO DE FRAGA.



O BORDÃO DE MEGGY.

A Meggy era uma mendiga das cercanias de Inverness, mas que possuia um thesouro pelo qual muita gente trocava a sua riqueza. E, comtudo, não era nem a taça magica, d'onde mana o vinho como de uma fonte, nem a peça d'oiro de incubação que choca e tira outras peças d'oiro, nem a varinha de

condão que transporta cada um onde quer ir, nem o chapeo que faz invisiveis as pessoas.

A velha Meggy só possuia um bordão de buxo, no topo do qual um pastor das serranias escocezas tinha com a sua navalha esculpido uma cabeça; mas o bordão era uma fada, e fazia justiça a qualquer, melhor que todos os tribunales de Inglaterra, porque sabia conhecer as açções dignas de correcção, e castigava-as no mesmo instante com tantas bordoas quantas mereciam.

Portanto, se um camponio mal creado passava junto da velha Meggy sem a saudar, o bordão corria per si e lavrava-nas espadoas do rustico a sentença do respeito devido á velhice e á pobreza. Se um fidalgo estouvado punha os olhos descaradamente na rapariga que recolhia do trabalho do campo com sua mãe, ou lhe dirigia alguma palavra atrevida, o bordão fazia tambem viagem para ensinar-lhe que não se deve atacar os fracos nem fazer que se corram de vergonha os timidos.

Ao traficante que voltava da cidade carregado de tostões e de velhacadas, lembrava que a probidade é patente obrigada de todo o commercio; ao juiz que dormira na audiencia, deixava bastos vergões para o ter acordado; ao medico culpado de omissão ou ignorancia, ministrava-lhe contusões que tivesse de curar. Quantas vezes caminhou para o vosso costado, homens despiedosos, que pisaes vossos irmãos como a herva dos trilhos! Para vós, orgulhosos, que olhaes sempre de sobreceño as coisas e as pessoas! Para vós, levianos, que espalhaes o mal e o bem sem attentar no que fazeis! Mas, parava, suspendia-se, quando passavam os bizarros trabalhadores, cuja consciencia é um relogo, as meigas consoladoras de nossas miserias, que são n'este mundo como o sol dos corações; inclinava-se, abatia-se na presença dos homens unicamente occupados no bem, dos ricos que abrem suas mãos generosas, dos talentos cujos pensamentos grandiosos correm, como o manancial d'aguas, em proveito de todos.

Comtudo, consta que o bordão de Meggy andava mais vezes em exercicio do que folgava em descanso, e descarregava mais bordoas do que fazia cortesias. Ha longo tempo está enterrado com a sua dona, e ninguem cuida de desenterral-o; se por acaso apparecesse de novo n'um paiz civilisado, todos se associariam para queimal-o.

Tal é uma tradição, por certo um apologo moral, muito arreigada entre os montanhezes da Escocia.

M.

AVISO.

Tendo o editor do Panorama contractado com o sr. J. J. d'Andrade e Silva, a compra de 200 exemplares da Collecção Chronologica da Legislação Portugueza, assigna-se e vende-se esta, por conta do mesmo editor até ao numero dos 200 exemplares, em casa dos seus correspondentes.

Acham-se completos 8 volumes, que comprehendem a Legislação de 1603 a 1674.